

A UMBANDA EM ARARAQUARA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA PSICOTERAPIA RELIGIOSA

Antônio Talora DELGADO SOBRINHO*

RESUMO: Um estudo da Umbanda, na cidade de Araraquara, suas origens, seu desenvolvimento e seus efeitos sobre os seguidores portadores de problemas psicológicos. Sua metodologia para o "tratamento" e ajustamento psíquico e social.

UNITERMOS: Psicoterapia; psicoterapia religiosa; psicanálise; ajustamento psíquico e social; transe mediúnico; hipnose; sonambulismo; Umbanda; Quimbanda.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa contribuir efetivamente para o estudo e a compreensão de formas alternativas para o tratamento e o conseqüente ajustamento social de indivíduos portadores de distúrbios psíquicos que os incapacitam para o trabalho produtivo, mas, também, os impedem de conviver de maneira positiva até mesmo com seus familiares.

Não se pretende aqui negar o valor da Psiquiatria, nem da Psicanálise no tratamento das enfermidades mentais, mas apenas assinalar que há outras formas de terapia para essas doenças e que a Umbanda, através de uma metodologia religiosa, é uma delas. Aliás, é importante salientar que em Congressos de Psicanálise e Psiquiatria, realizados no Rio de Janeiro e São Paulo, foi defendida a tese por vários facultativos de que as religiões mediúnicas, principalmente a Umbanda e o Candomblé, são eficientes linhas auxilia-

res no tratamento e na cura dos males de natureza psicológica. Apesar disso, o que se constituiu num passo à frente, é preciso ir além e verificar os efeitos produzidos por esse tratamento e o ajustamento por ele propiciado.

Não se defende aqui, também, a afirmação generalizada na década de 60/70 de que os Terreiros eram consultórios de psicanálise para negros e brancos menos favorecidos economicamente, mas salientar que, se existe tal verossimilhança, ela permeia todas as classes sociais e não apenas as baixas e menos favorecidas.

Para a realização deste trabalho procedeu-se a entrevistas orais com pessoas ligadas diretamente à religião, isto é, sacerdotes (babalorixás) e médiuns ou cavalos de Santo (pessoas que em transe atendem aos consulentes), num total de 20 entrevistados, onde se procurava saber: a idade da iniciação e seus motivos e há quanto tempo se encontra praticando o culto umbandista.

* Departamento de Antropologia, Política e Filosofia — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação - UNESP — 14.800 - Araraquara-SP.

As entrevistas foram gravadas em fita cassete ou escritas pelo próprio pesquisador no decorrer das mesmas, sendo de se salientar que elas foram realizadas de maneira mais espontânea e informal possível.

Num dos itens do trabalho iremos transcrever dessas entrevistas os aspectos mais importantes, para que se proceda a uma análise mais acurada.

Outro aspecto que se tornou patente foi o grande incremento da religião a partir de 1964, o que pode sugerir uma nova hipótese para um trabalho posterior: o autoritarismo e o arbítrio apresentam íntima relação com o incremento de religiões participativas?

AS ORIGENS E O DESENVOLVIMENTO DA UMBANDA

Em trabalhos anteriores (5 e 6) chegou-se após exaustiva busca às origens da Umbanda, erroneamente apontada por alguns pesquisadores como “sincretismo religioso afro-brasileiro” (14:19), formado a partir da confluência de várias linhas religiosas: o Catolicismo Popular, o Kardecismo ou Espiritismo, práticas religiosas indígenas e africanas e crenças orientais (3:8-9).

Este amálgama propiciou peculiaridades próprias à Umbanda as quais acabaram por transformá-la numa religião tipicamente brasileira, como conseqüência de uma síntese das linhas religiosas anteriormente apontadas. Sua freqüência por todo o território brasileiro, apesar de certas peculiaridades regionais, fez levantar algumas hipóteses que devem ser examinadas exaustivamente durante os próximos anos, embora ainda persista uma certa atitude preconceituosa dos cientistas brasileiros em estudar este tema.

O aparecimento da Umbanda no Brasil está ligado à problemática da colonização portuguesa e ao tráfico de negros das costas africanas para este país, vendidos aos proprietários de engenhos. A grande maioria desses infelizes morria na travessia do Atlântico, vítimas do banzo ou nostalgia ou pelo escorbuto e desidratação, freqüentes nos navios tumbeiros (7:27). Apesar disso, muitos negros ainda conseguiam sobreviver para, com seu trabalho, enriquecer os honrados cristãos portugueses, proprietários dos engenhos de açúcar.

Entre os escravos vieram sacerdotes e médicos nativos que camufladamente continuaram seus trabalhos aqui no Brasil. No caso do médico nativo, suas atividades são toleradas porque inúmeras doenças trazidas pelo africano eram desconhecidas não apenas no Brasil mas até mesmo na Europa, como por exemplo, a opilação (amarelão), a dracunculose (filariase), o ainhum (queda dos dedos dos pés), o maculo (doença do anus e reto), doença do bicho-de-pê, a elefantíase*.

Essas moléstias desconhecidas traziam enormes prejuízos aos senhores, que ficavam com o escravo incapacitado para o trabalho, quando não morria, assim decorrendo a tolerância pelo trabalho de “feiticeiros” e “mandingueiros”(12:37), uma vez que eles representavam a única esperança de cura e/ou melhoria para o escravo doente, conseqüentemente a salvaguarda do capital investido.

No caso do ofício religioso, porém, não foi muito grande a benevolência dos senhores, porque até eles próprios se encontravam em constante vigilância, devido ao fato de muitos deles serem cristãos novos, e, portanto, suspeitos de praticarem o judaísmo. Temendo os efeitos da Inquisição, os senhores de engenho, juntamente com a Igreja católica, empregam

* Para compreensão mais detalhada das enfermidades e seu tratamento aconselha-se a leitura de Lycurgo Santos Filho, História da Medicina no Brasil (Do Século XVI ao XIX), Vol. II.

todos os esforços para cristianizarem os escravos, até à força, se necessário.

O negro converteu-se, sem qualquer catequese ou ensinamento, aprendendo o nome dos santos e algumas rezas, surgindo assim o sincretismo, isto é, a camuflagem do culto dos antepassados e orixás africanos sob o disfarce dos santos católicos (14:19). Embora algumas vezes participe de cerimônias e até dos sacramentos do Catolicismo (batismo, crisma, casamento), é na senzala, à noite, que ele pratica sua religião, tornando-se a senzala o seio pátrio (africano) e sagrado, onde os orixás baixam, durante o transe mediúnico para aconselhar seus filhos, aliviar seus males e doenças, incurtir-lhes esperança e até, às vezes, prometer a morte do seu dono. Assim, pelo ritual religioso, a África se transpõe para o Brasil, não a pátria real, mas a idealizada. Aruanda, lugar onde moram os orixás e espíritos ancestrais não seria uma deturpação de Luanda?

Até 1910 são poucas as notícias no Brasil sobre cultos praticados por negros, o que é compreensível; e é somente nessa data que aparecem notícias, através de uma pastoral do bispo D. João Nery, do Estado do Rio, falando sobre a Cabula (1:70).

De 1920 a 1930 parece haver um acentuado abrandamento das perseguições religiosas e é nesse período que aparecem na cidade do Rio de Janeiro vários templos umbandistas, fundados por pessoas egressas do kardecismo, que talvez por ser europeu era tolerado e freqüentado por muitas pessoas das classes médias e alta. Na década seguinte (1930 a 1940), há a chamada liberdade de culto por meios legais e, a partir de então, a Umbanda desenvolveu-se a passos largos, não apenas no Rio de Janeiro, mas por todo o

Brasil, enquanto que o Candomblé, ainda atrelado à África, restringe-se à cidade de Salvador na Bahia*.

A Umbanda ainda não está totalmente codificada, em que pese a realização de alguns congressos no Rio e em São Paulo, apesar de se encontrar institucionalizada.

A UMBANDA EM ARARAQUARA

A introdução da Umbanda em Araraquara está intimamente ligada ao nome de Florentina Teodoro Neves, “Mãe Nena” ou Madrinha Nena, como é por muitos chamada. Florentina é a Babalorixá (Sacerdotisa) ou “Mãe de Santo do Terreiro da Umbanda Luz e Caridade do Índio Sete Encruzilhadas”, situado na Avenida 46 n.º 207, fundado oficialmente em 2 de fevereiro de 1962, embora funcionasse clandestinamente há muito tempo. Pela tradição oral, acredita-se que na década de 50 já eram realizados trabalhos em casas particulares, sob a coordenação de “Mãe Nena” e outras pessoas.

A referida Babalorixá iniciou na Umbanda uma grande parte dos Babalorixás que hoje exercem suas funções em terreiros próprios, mas que ainda continuam chamando-a de “madrinha” beijando-lhe a mão e visitando-a com certa freqüência e regularidade.

O segundo templo umbandista de Araraquara foi o Centro Espírita Nossa Senhora Aparecida, com sede na rua Padre Duarte n.º 3.090, Jardim Primavera, que depois mudaria seu nome para Tenda de Umbanda Caboclo Pena Roxa. Seu Babalorixá é Paulo Alfredo Padilha e sua fundação deu-se em 2 de janeiro de 1967; afilhado de D. Florentina, este templo iniciou seus trabalhos a partir de 1965, mas somente cumpriu a determinação legal a

* Não se pode admitir a afirmação de que o Candomblé é uma forma mais pura, pois liga-se ainda à África, isto é, várias Yalorixás vão fazer suas iniciações naquele continente. A Umbanda é uma religião brasileira que nada tem a ver com Candomblé, a não ser, o nome de alguns Orixás.

partir da data em que consta sua fundação*.

Em 1968 surge o terceiro templo de Araraquara, o Grupo Espiritual de Umbanda Índio Paraguaçu, fundado em 8 de agosto e, segundo se apurou, a Babalorixá deste templo iniciou-se com D. Florentina, o mesmo acontecendo com D. Maria Zanin Tellaroli, Babalorixá da Tenda Espírita de Umbanda Mãe Bertina e Caboclo Rola-Rola, fundado em 9 de maio de 1969.

Em 1974, quando se procedeu a um levantamento nesta cidade, para a elaboração da tese de mestrado (Práticas religiosas nos Terreiros de Umbanda de Araraquara), chegou-se a um total aproximado de 71 templos umbandistas em Araraquara, entre os legalizados e os clandestinos. Não obstante tais números, verificou-se que os dados oficiais eram bastante desatualizados, pois o IBGE registrava 3 templos, enquanto que a Delegacia de Polícia (responsável pelo Cadastro dos templos) registrava 30. Se apontar o número de templos é tarefa árdua, a projeção do número de adeptos é tarefa impossível, pois, além dos entraves anteriores, deve ser adicionado o fato de que muitos freqüentadores escondem sua condição de umbandistas e declaram-se católicos, o que torna a confusão ainda maior. Nessa pesquisa de 1974 chegou-se também a resultados interessantes: a maioria esmagadora dos templos localizados em bairros periféricos; os freqüentadores pertenciam a todos os estratos sociais e a praticamente todas as faixas etárias, havendo no conjunto uma predominância de elementos do sexo feminino sobre o masculino em termos de freqüência.

Em 1978, em novo levantamento realizado, o número de templos elevou-se para 96, ainda com sua localização nitidamente periférica, mas a alteração da com-

posição social iniciada em torno de 1968 acentua-se mais ainda, isto é, há um aumento significativo dos participantes oriundos da classe média e com um nível de escolarização mais elevada. Em dezembro de 1981, esta cidade possuía 121 templos umbandistas, predominantemente ainda na periferia, embora alguns se localizassem em bairros mais nobres.

TERAPIA E PSICOTERAPIA RELIGIOSA

Pode-se notar distintamente dois tipos de postura no atendimento a consulentes durante as sessões religiosas:

- a) o uso de elementos componentes da chamada medicina popular na terapia de males físicos, com predominância da Fitoterapia, quer aliada a procedimentos mágico-religiosos, quer sua utilização pura e simples, mas com orientação na confecção do remédio;
- b) o uso de procedimentos mágico-religiosos, tais como, a água fluida, o passe magnético e a iniciação religiosa, como tratamento para as doenças de natureza psíquica, nomeadas de espirituais, nos Terreiros de Umbanda.

Nas entrevistas informais realizadas com vários freqüentadores (vinte) de alguns templos (quatro) verificou-se que, embora existam peculiaridades próprias a cada templo, a terapia segue de maneira geral a mesma linha em todos eles, variando apenas alguns componentes.

No primeiro caso (a), o uso de determinadas poções, elaboradas com ervas não apresenta curiosidade muito grande pois, conforme já se salientou, há uma interrelação muito grande com a medicina popular. Talvez o que se deva ressaltar, neste caso, seja a ligação entre determinadas plantas e os Orixás, bem como o uso de benzimentos e breves com efeitos curativo e preventivo.

** Para funcionar legalmente o templo necessita realizar uma Assembléia Geral, eleger uma Diretoria burocrática, elaborar seus estatutos e registrar-se em Cartório como sociedade jurídica beneficente para ter existência. Antes disso seu funcionamento é considerado clandestino.

No caso da terapia religiosa propriamente dita (item b) necessário se faz argumentar alguns procedimentos interessantes, pois ao que tudo indica posicionam-se dentro de uma linha clássica de terapia (elementos constantes do método de Charcot, Freud e seguidores), bem como outros elementos usados na moderna psicoterapia (Psicodança, Psicodrama e psicanálise de grupo). Parecem evidente no caso, tais semelhanças, pois muitos psicanalistas, como Freud, por exemplo, buscaram seus modelos dentro de modelos religiosos, embora procurassem desmistificá-los.

Passamos agora a apresentar sinteticamente o resultado das entrevistas com os iniciados, apontando basicamente os elementos que consideramos fundamentais para a pesquisa:

1.º caso — “M.N., sexo feminino, 65 anos. Começou seus contactos com a religião aos 16 anos, sendo iniciada pela avó materna, benzedeira e médium umbandista. Ao terminar o desenvolvimento (iniciação), auxiliava a avó nos atendimentos até os 38 anos, quando começou a fazer isto sozinha. Procurou auxílio porque tinha visões e escutava vozes, o que muito a atemorizava. Disseram-lhe que isto era efeito de sua mediunidade. Desenvolveu a mediunidade, apesar do medo, e os problemas desapareceram. Está na Umbanda há 40 anos;

2.º caso — A.N., sexo feminino. Aos 18 anos teve alguns desmaios que começaram a se tornar frequentes e mais fortes. Rolava no chão e, às vezes, espumava pela boca. Sua avó diagnosticou mediunidade e começou sua iniciação, cessando os desmaios e as crises. Continuou na religião, mas nunca quis ter seu próprio terreiro. Está na Umbanda há 30 anos.

3.º caso — E.S., sexo feminino. Aos 23 anos teve uma crise de nervos, sofrendo encarregamento do corpo (enrijecimen-

to muscular prolongado) e julgou que nunca mais recuperaria a capacidade locomotora, porém com a aplicação de passes mediúnicos e remédios ensinados pelos guias, voltou a andar normalmente, aproximadamente uns dois meses após. Desenvolveu a mediunidade e sentiu-se completamente curada. 13 anos de Umbanda.

4.º caso * — N.P., sexo feminino. Aos 30 anos sofreu ataques que a derrubavam e causavam ferimentos generalizados. Tinha também mau relacionamento com o marido que bebia, a espancava, além de não tomar conhecimento dela, chegando constantemente em casa pela madrugada; estando também desempregado. Uma amiga a levou ao centro e depois de tomar passes, fazer banhos de defesa e desenvolver a mediunidade, sarou completamente. Pouco tempo depois o marido veio a falecer de cirrose hepática. Aproximadamente 8 anos de Umbanda.

5.º caso — A.M., sexo feminino. Aos 19 anos estava noiva, quando o rapaz rompeu o noivado e fugiu com outra moça. Teve uma crise violenta e ficou vários dias de cama, com a família temendo por sua vida. Uma amiga trouxe uma benzedeira que era também espírita (o que ignorava na época). Depois de vários passes e banhos de ervas melhorou bastante e foi ao Terreiro da benzedeira, onde lhe tiraram o “encosto” (Exu brabo, sic) que a moça mandara para lhe roubar o noivo. A seguir foi iniciada. É médium há 20 anos.

6.º caso — C.T., sexo masculino. Aos 35 anos começou a sentir coisas estranhas (zonzeira, mal-estar e muita vontade de fugir). Irritava-se com muita frequência e vivia muito mal com a mulher e os filhos. Tinha vontade de beber e andou tomando alguns pifões, piorando a situação em casa e no serviço. Foi suspenso no serviço e, então, levado por um amigo, foi ao Templo, recebendo passes, fez uma

* Estes casos foram levantados no Terreiro Luz e Caridade do Índio 7 Encruzilhada, entre os iniciados que voluntariamente se dispuseram à entrevista.

limpeza com pólvora e desenvolveu, encontrando-se bem atualmente. Acabaram-se os problemas no lar e no trabalho, tendo-lhe voltado a alegria e o passado o desejo de beber. Tem aproximadamente 5 anos de Umbanda.

7.º Caso — P.O., sexo masculino. Aos 43 anos começou a ter problemas na sua oficina proveniente da quebra de máquinas e demissão de funcionários. Ele próprio feriu-se várias vezes. Para agravar a situação teve um sério desentendimento com a esposa. Teve um processo ulceroso duodenal, seguido de impotência sexual. Levado por um amigo à umbanda, após algum tempo de freqüência (mais ou menos 6 meses) os problemas se resolveram e sentiu-se totalmente curado. Adepto da religião há 8 anos.

8.º caso * — A.P.S., sexo feminino. Aos 46 anos começou a sentir tonturas, náuseas e mal-estar generalizado. Com o agravamento da crise, e sobrevivendo desmaios mais ou menos freqüentes, procurou um médico do INPS que lhe receitou antidepressivos, mas não lhe disse qual a doença que a afligia. Como não sentisse melhora com a medicação prescrita, foi ao terreiro levada por uma amiga. Após alguns passes, banhos de erva e o desenvolvimento da mediunidade sentiu-se curada. Freqüenta há 5 anos.

9.º caso — W.G., sexo masculino. Há cerca de 8 anos notou que sua situação financeira não se desenvolvia e que sua vida sentimental e afetiva apresentava sérios problemas. Relacionava-se mal com a esposa e acabou arrumando uma amásia, com a qual teve um filho. Sua vida foi complicando cada vez mais e desmanchou a sociedade comercial, sendo prejudicado, pois recebeu sua parte não em dinheiro, mas em imóveis com valor bastante superior ao real. Algum tempo depois en-

trou em nova sociedade comercial, a qual desenvolvia-se muito bem, mas houve um desentendimento entre os sócios e retirou-se recebendo sua parte. Construiu então novo estabelecimento comercial sem sócios. Quando isto aconteceu já freqüentava a Umbanda e estava em desenvolvimento para tornar-se médium. Não resolveu ainda o problema sentimental, pois afirma que, se for morar com a amásia poderá ser prejudicado na sua vida sócio-econômica. Freqüenta a religião há uns 7 anos.

10.º caso — M.C.S., sexo feminino. Freqüenta a religião há aproximadamente 18 anos, mas só recentemente desenvolveu a mediunidade, pois, durante muito tempo servia os guias nos vários templos que freqüentou. Foi para a religião após perder o marido num acidente e se encontrar “muito agoniada”. Idade 58 anos.

11.º caso — A.S.S., sexo feminino. Começou a freqüentar a religião com 40 anos. Tinha perturbações freqüentes as quais não consegue explicitar com clareza, porém sua ida aos terreiros deve-se principalmente ao marido que não “afirmava em serviço” e era muito nervoso. Com benzimentos na roupa, o marido melhorou e resolveu freqüentar juntamente com ela, que assim pôde desenvolver sua mediunidade. Tem 8 anos de freqüência à religião e 7 anos como médium.

12.º caso — E.A.C, sexo masculino. Começou a freqüentar os Terreiros com 20 anos por sentir desmaios freqüentes e muita angústia. Foi levado pela primeira vez pelo pai, Kardecista. Tem 9 anos de freqüência e 8 anos de mediunidade e, segundo afirma, ao desenvolver ficou completamente curado.

13.º caso** — S.F., sexo feminino. Começou a freqüentar com 20 anos, quando, durante a gravidez, sofreu crises

* Estes casos (do 5.º ao 8.º) foram levantados no Terreiro de Umbanda “Pai João Boiadeiro e Zé Gavião”, sito à Rua 13 de maio, 854, Vila Xavier, Araraquara.

** Estes casos (do 9.º ao 13.º) foram entrevistas realizadas no Terreiro de Umbanda “Ogum Matinata”, sito à Av. José de Alencar n.º 908 — Vila Xavier.

violentas e acreditava que ia morrer durante o parto, o que não aconteceu pela proteção que recebeu. Interrompeu a frequência por 2 anos, quando retornou e desenvolveu a mediunidade. É médium há 10 anos, afirmando nunca mais ter sentido qualquer problema.

14.º caso — M.A.T., sexo feminino. Aos 19 anos teve uma queda no serviço e passou a sofrer dores e desmaios contínuos. Por várias vezes teve crises de enrijecimento muscular, seguido de náuseas e dores violentas. Uma vizinha que era médium umbandista disse que ela estava com “encosto” de espírito. Levada a um terreiro, após tomar passes, um médium puxou no seu corpo o espírito obsessor que, após a doutrinação, a deixou em paz, sentindo-se ela curada a partir daí. Não quis desenvolver a mediunidade, mas freqüenta as sessões todas as semanas, ajudando a cantar os pontos. Já completou 4 anos de participação.

15.º caso — V.X.B., sexo feminino, 2 anos na Umbanda, não é médium; tem 25 anos de idade. Aos 23 anos estava noiva e de repente começou a sentir nojo do pretendente e a desejar outros homens, enquanto que, paralelamente, tinha crises obsessivas e freqüentes, onde o principal sintoma era “sair fora de si” e dizer palavras, do que não se lembrava posteriormente. Uma prima a levou ao terreiro, onde através de passes, despachos, banhos de ervas e preces, teve acentuada melhora, desaparecendo os sintomas mais graves. Está noiva novamente e deve casar-se brevemente. Está na gira para desenvolver. Afirma que seu problema se devia a uma pomba-gira que nela se “encostara” e a obrigava a ter o comportamento anterior.

16.º caso — O.T.P., sexo feminino, 46 anos, 5 anos de Umbanda. Começou a ter problemas de desmaios e um violento calor que parecia queimar todo seu corpo. Foi ao médico e este disse que estava se

aproximando a menopausa e deu-lhe uma receita de alguns comprimidos. Porém não sentiu melhora e, paralelamente, começou a ter problemas no relacionamento com o marido que parecia evitá-la e começou a jogar baralho e beber. Uma prima indicou-lhe um terreiro, onde começou a sentir melhora acentuada após tomar passes e fazer banhos de erva. Quanto ao marido, após levar por várias vezes peças de vestuário dele para serem benzidas apresentou sensível melhora. Segundo afirma, até hoje não entrou na menopausa, mas não tem qualquer problema de saúde. Desenvolveu a mediunidade há uns 2 anos.

17.º caso — L.S., sexo feminino, 47 anos de idade, 14 anos de Umbanda; não é médium, mas acredita muito (sic.). Recorreu à religião por imposição do marido que tinha problema de “nervoso” e já estivera internado em hospital de doenças mentais. O marido achava que ela era responsável porque não se cuidava em termos espirituais. Apesar de freqüentar e ter muita fé, alguns anos depois precisou separar-se do marido que, novamente, foi internado. Mora sozinha atualmente e, segundo diz, readquiriu a vontade de viver.

18.º caso* — A.C.P. sexo masculino 19 anos, 2 anos de Umbanda. Aos 17 anos começou a sentir um mal-estar generalizado que não consegue definir muito bem. Tinha muita vontade de chorar e fugir (não sabe do quê). Começou a se isolar, pois tinha vergonha de ficar perto de outras pessoas. Uma prima o levou ao terreiro onde, depois de passes e banhos seguidos de ervas, notou gradativa melhora, desaparecendo os sintomas. Atualmente é médium, tendo desenvolvido recentemente.

19.º caso — J.P.S. sexo masculino, 45 anos. Há 5 anos teve problema com a família, devido a bebida e jogo de baralho. As discussões foram tornando-se cada vez mais violentas e, algumas vezes,

* Do 14.º ao 18.º caso, as informações foram colhidas entre freqüentadores do Terreiro Espírita de Umbanda Caboclo Ventania e Vovó Maria Baiana, Rua Treze de Maio s/n.º — Vila Xavier.

atingiram a forma de agressão. Paralelamente começou a faltar ao trabalho, sendo algum tempo depois despedido. Ficou três meses parado, sentindo-se desesperado, tentou o suicídio, ingerindo aldrin, mas foi impedido desse ato por familiares que, providenciando o socorro imediato, lhe salvaram a vida. Foi levado ao terreiro pela esposa e começou a tomar passes, fazer banhos de erva e sal grosso. A seguir conseguiu novo emprego, deixou a bebida e o jogo. Atualmente sente-se curado, não tendo mais vontade de jogar ou beber, vivendo harmoniosamente com a família. Tornou-se médium recentemente e procura ajudar os outros na medida de suas forças.

20.º ** — H.I.J., sexo feminino, 52 anos, umbandista há 12 anos. Foi levada à Umbanda por uma amiga, por sentir-se muito doente sem motivo aparente. Os médicos que a examinaram nada encontraram que justificasse o quadro de sintomas. No terreiro recebeu passes e, algumas sessões, fizeram trabalho de “doutrinação de um espírito inferior que nela se encostara”. Algum tempo depois sentiu-se curada e desenvolveu sua mediunidade, estando boa até hoje.

Há três aspectos que aparecem num primeiro plano da entrevista e que são: a) a maioria dos entrevistados pertence ao sexo feminino, o que já é um indicador de que a grande maioria dos freqüentadores dos terreiros pertencem a esse sexo; b) uma grande concentração dos problemas psíquicos numa faixa etária compreendida entre 40/50 anos; c) uma concentração relativamente numerosa de freqüentadores na faixa de 17/25 anos.

Quanto ao item a, o problema não se restringe à cidade onde realizamos a pesquisa, mas ao contexto geral, isto é, a maioria dos participantes da Umbanda do Brasil pertence a este sexo. Com relação ao item b, cumpre destacar que é uma

idade de mudança, isto é, os indivíduos caminham para a senilidade e os conflitos se estabelecem a partir dessa transição. É nessa faixa que os homens apresentam uma acentuada queda na potência sexual e as mulheres caminham para a menopausa, o que evidentemente proporciona desequilíbrios não só orgânicos, mas também psicológicos. Com relação ao item c, o indivíduo entra num processo de maturação física e mental, pois ele está adentrando na idade adulta, à qual ele terá que ajustar-se. Se muitos conseguem tal ajustamento sem maiores problemas, uma boa parte não o consegue, podendo a situação agravar-se sobremodo, conforme se pode notar claramente em muitos dos casos aqui apresentados.

Basicamente pode-se afirmar que a Umbanda preenche um papel importante no ajustamento e na terapia das doenças psíquicas, pois em todos os casos apresentados, o que varia é a intensidade das crises. É preciso salientar que, após vários anos de contato e pesquisa nesta religião, conseguiu-se detectar um processo que, ao que tudo indica, permite seu uso como psicoterapia sem graves sequelas para o iniciado (doente), pois a religião não vê o distúrbio psíquico ou comportamental como negativo, mas sim como positivo. Isto porque o distúrbio ou é uma chamada de um espírito protetor para o indivíduo tornar-se um iniciado ou é um “encosto” de um espírito inferior, o que na verdade leva ao mesmo ponto — a necessidade da iniciação religiosa. Mesmo que ela (iniciação) não seja levada a termo (desenvolvimento mediúnico), é preciso ressaltar que esta religião envolve ativa participação, o que vale dizer que, mesmo não sendo um médium ou iniciado, o indivíduo participa ativamente das práticas religiosas.

Ora, como é sabido, na psicanálise, o indivíduo só consegue a “cura” através de uma autocrítica que às vezes implica

** Estes dois Casos (19.º e 20.º) foram levantados junto à Fraternidade Umbandista Índio Aimoré, sito à Rua Princesa Isabel n.º 1270, Vila Xavier.

numa reestruturação muito difícil para ela. Na Umbanda, como se nota, esta reestruturação (de atitudes e comportamentos) é facilitada porque, projetando-se a “culpa” em outrem (espíritos desencarnados), o indivíduo não está sujeito a uma desvalorização pessoal, e, conseqüentemente, a um longo período de depressão.

Há, também, outro aspecto a ser discutido e que assume grande importância — o do campo das doenças mentais, pois, além de controverso, é por demais complexo, devido principalmente ao grande número de preconceitos que o cercam, entre os quais o mais evidente e trágico é a ocultação do doente mental por parte dos familiares que preferem mantê-lo confinado em casa a enviá-lo para tratamento especializado.

A METODOLOGIA PSICOTERÁPICA UMBANDISTA

De maneira geral, toda terapia umbandista começa com o “passe magnético”, que consiste na transmissão de uma carga de energia através da imposição das mãos sobre várias partes do corpo, uma técnica clássica de terapia mágico-religiosa, usada por quase todos os povos primitivos e até mesmo pelos primeiros adeptos do cristianismo.*

O passe magnético, ao ser ministrado, pode estar aliado a outros elementos, como a fumigação por charutos e cigarros, o cruzamento com água e sal ou velas acesas. Porém, na grande maioria dos casos, o “tratamento” dos distúrbios emocionais é feito através de iniciação religiosa, nas giras ou sessões que se realizam nos terreiros, geralmente duas vezes por semana, com duração provável de duas horas.

Depois de um ritual relativamente extenso (20 minutos aproximados de duração) chamado de abertura, inicia-se a sessão propriamente dita com o transe me-

diúnico, forma de êxtase religioso muito freqüente entre os povos ditos primitivos e até mesmo entre os cristãos, nos primórdios da crença. O transe mediúnico leva basicamente a um estado sonambúlico, atingido através de uma espécie de auto-hipnose obtida através de meios mecânicos (cânticos, tambores, fumo e álcool), movimentos ritmados do corpo (gira) e exortações do pai-de-santo ou cambonos. Ora, a Psicanálise, em sua fase inicial, usou e, ainda, às vezes, lança mão da hipnose, como forma auxiliar do tratamento, conforme assinala seu próprio criador Sigmund Freud (8).

A auto-hipnose usada nos Terreiros de Umbanda diverge um pouco da hipnose convencional, na medida em que alimenta, dentro de certos parâmetros, uma relativa dose de criatividade.

A importância da terapia religiosa prende-se ao fato de que, na Psicanálise, o indivíduo só consegue a “cura” através de uma autocrítica que, às vezes, implica numa reestruturação muito difícil e penosa para a pessoa. Na terapia umbandista há duas maneiras de se encarar e conduzir este problema:

- a) os distúrbios são causados por espíritos protetores ou até mesmo pelos Orixás para chamar o indivíduo à Umbanda;
- b) os problemas emocionais têm origem num encosto (exu ou egum) que perturba o indivíduo, podendo até mesmo levá-lo à neurose e à psicose.

Como se pode facilmente notar, em ambos os casos, os distúrbios seriam causados por agentes externos (orixá ou exu) e não por conflitos do próprio indivíduo, o que, evidentemente, facilita o trabalho de aceitação do mundo e dos indivíduos, sem um conseqüente período depressivo. Não se trata aqui de assinalar que o processo terapêutico religioso seja mais eficiente

* Segundo a tradição, tanto Cristo, quanto seus apóstolos usavam a imposição das mãos não só na “cura” de males físicos, mas também, para retirar espíritos maus ou “imundos”.

que o Psiquiátrico ou Psicanalítico, mas apenas apontar as direções que pode assumir.

Uma outra questão importante e que deve ser apontada com o devido relevo é o uso de drogas e choques no tratamento de distúrbios emocionais, que podem muitas vezes ocasionar a incapacitação total ou parcial do indivíduo, por suas sequelas na maioria das vezes de forma irreversível. É bem verdade que a própria medicina alópática vem alertando constantemente os médicos para o uso de determinados medicamentos não suficientemente testados, por apresentarem efeitos secundários, às vezes mais devastadores do que a própria doença ou então medicamentos, chamados placebos, que não apresentam qualquer ação medicamentosa ou curativa (10:32). Assim, nosso país, bem como outros do chamado Terceiro Mundo, vem se transformando num vasto campo de provas para medicamentos das Indústrias Multinacionais Farmacêuticas, pois estes testes são rigorosamente proibidos em suas sedes e nos países adiantados.

A possessão ou transe mediúncio caracteriza-se basicamente pela assunção de vários papéis diferentes pelo médium, o que nos leva a admitir que o indivíduo possuído (médium) deixa de ser ele próprio para se tornar vários personagens (criança, preto-velho, índio, boiadeiro, baiano, exu). Daí, pode-se dizer que a sessão mediúncia umbandista é um autêntico Psicodrama (13:42), mas com uma vantagem, pois os papéis a serem desempenhados engajam muito mais o indivíduo, que deixa então de ser ele próprio. A característica de cada personagem leva a uma revisão comportamental, inicialmente em termos meramente psicológicos, mas que poderão, mais adiante, sofrer incorporação real. Assim, na gira de crianças, também chamada festa, na qual o médium assume o papel de uma criança com idade variável de 3 a 5 anos, pode levar a busca e a liberação dos conflitos, pois como assinala Freud, é esta a idade crítica para o

aparecimento e fixação das frustrações e conflitos responsáveis pelos problemas psicológicos futuros.

O boiadeiro e o baiano, com seu deboche e maneira simples de encarar e propor soluções para os problemas, parecem levar o indivíduo gradativamente à aceitação de que não se deve sofrer mais que o necessário, pois ao final tudo se resolve, desde que se tenha calma e paciência. O sofrimento antecipado pode ser inútil e altamente desgastante.

Preto-velho e Índio (çaboclo), apesar de suas posturas opostas, se complementam, pois se um representa a bondade, a paciência e a compreensão sem limites, o outro tem dosagens elevadas de orgulho, amor-próprio e audácia perante a vida.

Finalmente, o Exu, entidade misteriosa, zombeteira, maliciosa e libidinosa é a esperança revanchista dos menos favorecidos, daí seu culto estar presente de maneira mais intensa e expressiva nos bairros mais periféricos e nas favelas conforme já assinalaram vários pesquisadores (2:447). O Exu tudo pode, pois conhece todos os segredos, realiza tanto o bem quanto o mal, exigindo sempre um pagamento, geralmente em espécie (cachaça, cigarros, sangue, galinha preta, farofa de dendê etc...) para realizar sua empreitada. Vulgarmente chamada de macumba e, vítima de discriminações e preconceito a Quimbanda (culto dos exus) vem cada vez mais subsistindo e atuando na clandestinidade, devido não só à perseguição policial e social, mas também pelas federações espíritas que a temem pelo seu espírito libertário e anárquico. No entanto, é preciso frisar que é ela a única expressão autenticamente livre e descontraída que restou dos cultos praticados pelos negros na fase colonial, porquanto a codificação, a institucionalização e a burocratização que sofreu a Umbanda nos últimos anos, devido ao grande contingente de indivíduos brancos de classe média que a tomaram de assalto, acabaram por transformá-la numa

religião autenticamente brasileira e completamente domesticada, aproximando-a do Kardecismo (9:89). Este, como tem uma origem européia, não foi vítima de preconceitos nem discriminações como o foi, e ainda o é, a Umbanda, e, em grau muito mais acentuado, a Quimbanda. O aburguesamento da Umbanda trouxe como consequência imediata o afastamento do negro desta prática religiosa, que procurou refugiar-se na Quimbanda (11:35) ou até mesmo a aderir a seitas evangélicas, tais como o pentecostalismo, Testemunhas de Jeová ou batistas que passaram a ser chamadas pejorativamente de baixo protestantismo*.

Outro meio auxiliar importante no esquema psicoterápico umbandista tem sido a dança que se processa e se desenvolve durante o ritual, isto é, uma espécie de biodança que ao que tudo indica, leva o indivíduo a uma integração entre o corpo físico e o psiquismo**. A título de ilustração pode-se apelar ainda para as músicas que são cantadas nos templos, os pontos cantados, que, com o acompanhamento dos atabaques, ajudam o médium a cair no transe mediúnic. Pode-se ainda apelar, neste caso, para a afirmação dos praticantes da psicanálise de que o toque ou batida do tambor leva o indivíduo para o passado, quando ainda em estado fetal escutava as batidas do coração materno, daí o grande fascínio que tal instrumento exerce sobre os indivíduos.

Finalmente, pode-se afirmar que a sessão mediúnic umbandista assemelha-se sobremodo à Terapia de Grupo, pois durante as sessões os consulentes apresentam os problemas e os demais funcionam como grupo de apoio ou suporte na discussão e soluções propostas para os mesmos. Isto ocorre de maneira mais acentuada nos Terreiros menores e mais sim-

ples que geralmente apresentam uma frequência que gira em torno de 20 participantes, enquanto que nos maiores e mais sofisticados há um relativo distanciamento do grupo com relação aos problemas individuais.

Como se pode notar pelos casos apresentados (entrevistas), os problemas mais frequentes eram distúrbios emocionais que necessitavam de um suporte que, ao que tudo indica, foi oferecido pela religião na compreensão e encaminhamento para a solução do problema, embora se possa fazer restrições à forma de encará-lo, pois leva a uma completa alienação do real, porque a responsabilidade pela causa é atribuída a meios supersticiosos e mágicos. Porém, a obtenção dos resultados é mais rápida e, ao que tudo indica, não ocorrem sequelas perigosas e imprevisíveis que seriam impossíveis de serem assimiladas e reinterpretadas pela mente do paciente.

Ao que tudo indica, a sugestibilidade é usada em larga escala nesta terapia para transmitir autocontrole e autoconfiança, indispensáveis para o ajustamento individual ou coletivo.

Note-se também que podem haver durante as sessões religiosas o uso do álcool e do fumo, o que pode de maneira geral alterar a percepção do indivíduo durante o transe, pois, conforme se vem observando mais frequentemente, determinados elementos usados em ocasiões especiais, como nos rituais místicos por exemplo, podem proporcionar alucinações e visões (4:41).

Atente-se ainda que o próprio ritual pode canalizar a neurose e ou a história, propiciando o ajustamento, sem que o iniciado entre em crise depressiva, que possa lhe causar maiores danos. Assim, o conflito não chega a aflorar num plano cons-

* Não se deve esquecer que nas décadas de 50 e 60 era a Umbanda que recebia o epíteto de baixo espiritismo, o qual passou a ser usado com relação a Quimbanda mais recentemente.

** Um dos últimos congressos brasileiros de Psicanálise e Psiquiatria realizado na cidade de São Paulo, em 1982, salientou o papel da dança na terapia psíquica.

ciente, mas permanece no subconsciente ou no inconsciente, sendo eliminado pelos mecanismos de defesa individual, estimulados, no caso, pelos elementos contidos na prática religiosa.

Pode-se admitir que a Umbanda e outras práticas religiosas vêm se prestando a um papel psicoterápico importante em nossa sociedade, de maneira alternati-

va a uma medicina oficial na terapia de indivíduos portadores de distúrbios emocionais e desajustes psico-sociais.

Deve-se ressaltar também que os dados disponíveis e analisados não são conclusivos, mas indicativos, sendo de importância capital o aprofundamento e busca de novas pesquisas para uma verificação mais apurada e acentuada.

DELGADO SOBRINHO, A.T. — Umbanda in Araraquara: a contribution for the study of religious psychotherapy. *Perspectivas*, São Paulo, 6:37-48, 1983.

ABSTRACT: A study of Umbanda in Araraquara, its origins, developments and effects on followers bearing psychological problems. Its methodology for treatment and psychic, social adjustment.

KEY-WORDS: Psychotherapy; religious psychotherapy; psychoanalysis; psychic, social adjustment; mediunium transe; hypnosis; somnambulism; Umbanda; Quimbanda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BANDEIRA, A.C. - *O que é umbanda*. Rio de Janeiro, Ed. Eco, 1970. p. 69-70.
2. BASTIDE, R. - *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, Pioneira, 1971.
3. CAMARGO, C.P.F. de - *Kardecismo e umbanda*. São Paulo, Pioneira, 1961. p. 8-9.
4. CASTAÑEDA, C. - *A erva do diabo*. Rio de Janeiro, Record, 1968.
5. DELGADO SOBRINHO, A.T. - *Práticas religiosas nos terreiros de umbanda de Araraquara*. São Paulo, Fundação Escolas de Sociologia e Política, Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, 1974. (Tese-Mestrado).
6. DELGADO SOBRINHO, A.T. - *O universo simbólico da umbanda*. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política, Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, 1978. (Tese-Doutoramento).
7. ETZEL, E. - *Escravidão negra e branca*. São Paulo, Global Ed., 1976. p.27.
8. FREUD, S. - *Obra completa*. 3 ed. Madrid, Biblioteca Nueva, s.d.
9. LAPASSADE, G. & LUZ, M.A. - *O segredo da macumba*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
10. MELLO, A. da S. - *Ilusões da psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
11. ORTIZ, R. - *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis, Vozes, 1968.
12. SANTOS FILHO, L. - *História da medicina no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1947. v.2 p.37.
13. SCHUTZENBERGER, A.A. - *O teatro da vida: psicodrama*. São Paulo, Duas Cidades, 1970.
14. VALENTE, V. - *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo, Ed. Nacional, 1976. p. 19.